



**Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e
Crítica Literária da PUC-SP**

nº 18 - julho de 2017

<http://dx.doi.org/10.23925/1983-4373.2017i18p60-77>

Twitteratura: aproximando letramento literário e letramento digital

**Twitterature: bridging the gap between literary literacy and digital
literacy**

*Vinicius Carvalho Pereira**
*Cristiano Maciel***

RESUMO

As práticas de letramento literário da escola brasileira voltam-se majoritariamente para textos impressos, embora parte significativa da literatura contemporânea venha sendo feita em suporte eletrônico ou digital. Tal disjunção se deve, entre outros fatores, à predominância de obras canônicas no currículo escolar, à natureza impressa do livro didático e a um entendimento restrito do que seja o literário. Por outro lado, assistimos ao uso crescente de celulares em sala de aula, mas raramente articulado ao processo de ensino-aprendizagem. No presente artigo, discutem-se questões teórico-metodológicas acerca do uso de celulares em sala de aula para o trabalho com a *twitteratura*. Trata-se de microtextos literários, produzidos com até 140 caracteres na rede social *Twitter*, hibridizando gêneros como *tweet*, microconto e micropoema. Tal fenômeno é também potencializado pelos modelos comunicacionais das redes sociais – multilíneas, multimodais e polifônicos – que a escola tradicional ainda pouco associa ao texto literário.

PALAVRAS-CHAVE: *Twitteratura*; Celular; Letramento literário; Letramento digital

ABSTRACT

The literary literacy practices in Brazilian schools are mostly related to printed texts, although a great deal of contemporary literature has been produced either in the electronic or digital media. That disjunction is due to many factors, among which the great deal of canonical literature in school syllabuses, the fact that school books are essentially printed, and a narrow understanding of what literature is. On the other hand, there is a growing use of cell phones in the classroom, but rarely are they integrated with teaching and learning processes. This paper discusses theoretical and

* Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem Cuiabá – MT – Brasil. viniciuscarpe@gmail.com

** Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT. Programa de Pós-Graduação em Educação – Cuiabá – MT – Brasil. crismac@gmail.com



**Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e
Crítica Literária da PUC-SP**

nº 18 - julho de 2017

methodological issues concerning the use of cell phones in classrooms with the aim of working with twitterature, which has to do with literary microtexts having no more than 140 characters in the Twitter, and hybridizing such genres as tweets, micro short stories and micro poems. Such phenomenon is further potentialized by social network communicational models – multilinear, multimodal and polyphonic ones – which traditional schools seldom associate with literature.

KEYWORDS: Twitterature; Cell phone; Literary literacy; Digital literacy

Introdução

Na cultura jovem contemporânea, vem aumentando o papel que as redes sociais desempenham na vida das crianças e dos adolescentes brasileiros. Segundo o Comitê Gestor da Internet no Brasil, mais de 81% dos jovens de nove a 17 anos acessaram, no mês anterior à pesquisa, seu perfil em uma rede social na web (CGI.br, 2014). Por sua vez, as redes sociais mais utilizadas no Brasil são o *Facebook*, o *Whatsapp*, o *Youtube*, o *Instagram* e o *Twitter* (BRASIL, 2014).

De acordo com a página oficial do *Twitter*, essa rede social conta hoje com 320 milhões de usuários ativos (com ao menos uma postagem ao mês), 80% dos quais *tweetam* (postam mensagens) por meio de aparelhos celulares (TWITTER, 2015). Além disso, 500 milhões de mensagens são postadas diariamente nessa rede social, e esses números não param de crescer.

Por sua vez, segundo a analista de mercado IDC Brasil, a venda de *smartphones*¹ no país também vem aumentando vertiginosamente, a despeito de crises e de retrações econômicas. Conforme levantamento feito pela empresa, mais de 55 milhões de *smartphones* foram vendidos no Brasil em 2014, ao passo que em 2008 esse número girava em torno de 15 milhões (IDC, 2015).

Ainda conforme o Comitê Gestor da Internet no Brasil, o número de crianças e jovens que utilizam aparelhos celulares para acessar a Internet também é alto: em 2013, 53% de usuários da Internet de nove a 17 anos acessaram a rede via *smartphones* (CGI.br, 2014). Mais alarmante ainda é que, embora 37% desses acessos se fizessem já em 2013 dentro da escola (CGI.br, 2014), pouco se discute nos meios acadêmicos como fazer do aparelho celular uma ferramenta pedagógica dentro e fora do espaço escolar. Diante dessa falta de posicionamento da comunidade acadêmica, têm-se precipitado estados e municípios, tentando legislar sobre essa questão. Exemplo disso é a Lei 10.232, de 29 de dezembro de 2014, que “[...] torna defeso, para fins não pedagógicos, o uso de aparelhos eletrônicos em sala de aula do ensino fundamental e médio do Estado de Mato Grosso”. (MATO GROSSO, 2014).

Diante do cenário brevemente delineado, de aumento da participação dos jovens nas redes sociais (e em particular no *Twitter*) e do uso crescente de aparelhos celulares

¹ Neste artigo, utilizam-se os termos “celular” e “*smartphone*” de forma intercambiável, a fim de nomear o aparelho de telefonia móvel com funcionalidades avançadas semelhantes às de um computador. Tais funcionalidades podem ser estendidas por meio de programas executados por seu sistema operacional (OS), vulgarmente chamados de *apps* ou aplicativos.

para esse acesso, a presente pesquisa parte da premissa de que a escola deve, sim, incorporar essas ferramentas às suas tecnologias educacionais e às suas práticas comunicativas, assim como a lousa, o livro didático e os laboratórios de informática foram apropriados pelo espaço escolar em diferentes épocas.

Para tanto, propõe-se aqui a integração do *Twitter* e de dispositivos de telefonia móvel ao trabalho com a Língua Portuguesa e a Literatura nas escolas, mais especificamente no que tange ao cruzamento de múltiplos letramentos (ROJO, 2009), entre eles o digital e o literário. Com vistas a esse propósito, discute-se o uso de tais recursos no ensino-aprendizagem da leitura e da escrita em ambientes digitais a partir da esfera discursiva da *twitteratura*, isto é, de textos literários cuja produção, circulação e recepção se dá na rede social *Twitter*, o que, nos termos do suplemento literário do jornal britânico *Independent*, inclui “[...] de clássicos descritos com uma brevidade de tirar o fôlego à perspicácia reunida de uma miríade de microbloggers”². (INDEPENDENT, 2009, tradução nossa).

1 *Microblogging e macrolearning*

Criado em 2006, o *Twitter* é uma rede social destinada à comunicação de mensagens curtas, limitadas a 140 caracteres. Os relacionamentos se estabelecem entre o usuário, os perfis de pessoas que ele deseja seguir (de quem deseja receber postagens) e os perfis de pessoas que o seguem (que desejam receber suas postagens). O nome da rede e uma série de neologismos derivados, os quais nomeiam algumas de suas funcionalidades, remetem aos verbos “*twitter*” e “*tweet*”, da língua inglesa, que em Português podem ser traduzidos como “chilrear”. A metáfora do canto intermitente da ave – conotada pela logomarca do célebre passarinho azul – abarca tanto a brevidade das mensagens na rede quanto à sua rápida transmissão nas infovias, como bicho emplumado que sai voando e espalhando seu canto.

Pelo caráter curto e ágil de suas postagens, costuma-se dizer que o *Twitter* é uma ferramenta para *microblogging*, isto é, produção de conteúdo bem curto, atualizado constantemente na rede. Frequentemente, o *feed*³ do *Twitter* é ancorado em outro blog ou site, de modo a articular conteúdo constantemente atualizado nessa rede social com conteúdo mais lentamente atualizado em outra mídia. Com a possibilidade de outros

² No original: “From classics described in breathtaking brevity to the collected wit of myriad microbloggers”.

³ Rol de postagens de um blog.

usuários comentarem um *tweet*, estabelecem-se canais multilineares de comunicação, típicos da web 2.0, em que os papéis de produtor e consumidor de informação são substituídos por uma instância discursiva híbrida: o *prosumer*⁴. Aliada a isso, observa-se no *Twitter* uma mistura de textos verbais, não verbais e verbovisuais, especialmente na forma de *memes* e fotos com legendas. Multimodal, a comunicação nessa rede mistura diferentes códigos em uma mesma conversa, por vezes em uma mesma postagem.

Destaque-se também que, inicialmente, o campo do *Twitter* destinado à postagem vinha encabeçado pela pergunta “O que você está fazendo?”, incitando o usuário a compartilhar uma informação acerca de suas atividades cotidianas. Em 2009, porém, a rede trocou seu mote para “O que está acontecendo?”, de modo a deslocar o foco do meramente pessoal e casual ao mais geral e informativo.

Ampliam-se, então, as possibilidades de uso do *Twitter* para fins educacionais, haja vista que se estabelece um espaço para colaboração e troca de informações, expandindo os limites da comunidade de aprendizagem (HONEYCUTT; HERRING, 2009). Assim, em relação dialética com a ideia de *microblogging*, coloca-se a de *macrolearning*, aqui entendida como aprendizagem expandida para além dos espaços escolares tradicionais, dado o aumento exponencial de interlocutores a que se presta a construção de conhecimento nas redes sociais, fenômeno chamado por Pierre Lévy (2003) de inteligência coletiva.

Diante dessa realidade, o *Centre for Learning and Performance Technologies* (C4LPT) pesquisou junto a mais de 1000 especialistas da área de educação em todo o mundo quais seriam as melhores ferramentas digitais para o ensino-aprendizagem. O *Twitter* ficou em 1º lugar em 2014, em uma lista das 100 ferramentas mais votadas (HART, 2014).

Em consonância com esse resultado, Raknin (2009) e Young (2009) realizaram estudos de campo em distintos ambientes universitários e chegaram a conclusões semelhantes quanto ao uso do *Twitter* em aulas expositivas e palestras: por meio da rede, alunos conseguem interagir com o professor/palestrante, postando em tempo real *insights* e comentários que, por diferentes métodos, podem ser compartilhados com o restante da turma e com o professor – seja no visor dos próprios celulares, seja por um dispositivo de apresentação de *slides* que projete essas mensagens simultaneamente na tela, ou algo que o valha. Os autores destacam que, além de romper o modelo

⁴ Neologismo que combina as palavras *producer* (produtor, em Português) e *consumer* (consumidor, em Português).

comunicacional transmissivo típico de aulas expositivas e palestras, dando voz aos alunos na condução das discussões, o uso do *Twitter* permite também que discentes mais tímidos tenham espaço em debates, uma vez que os exime de expor sua opinião em voz alta. Fortalece-se, também, o senso de comunidade de aprendizagem na medida em que os alunos podem discutir coletivamente o que aprendem, relacionando-o a suas experiências e conhecimentos prévios.

Birnloltz *et al.* (2013) utilizaram o *Twitter* na preparação de aulas expositivas, em um processo em que os alunos deveriam *twittar*, antes do dia da aula, perguntas, exemplos ou reflexões, os quais eram incorporados aos *slides* das apresentações de conteúdo. Entre os participantes da pesquisa, a aceitação da metodologia foi alta, uma vez que os alunos se sentiram engajados na construção do conhecimento e corresponsáveis pela preparação da própria aula. Segundo os autores, 90% dos alunos envolvidos disseram que gostariam de que essa metodologia fosse aplicada a outros cursos. Ademais, os pesquisadores afirmam que, como consequência, os alunos passaram a se preparar mais com leituras prévias à aula, a fim de participarem com seus *tweets*.

Grossek e Holotescu (2008) destacam as reflexões metacognitivas que o *Twitter* pode proporcionar como diário (ou microdiário) de aprendizagem em que o aluno textualiza seu processo de construção do conhecimento. Como desdobramento desse fenômeno, as autoras acrescentam o ganho em termos de diferentes letramentos que o uso do *Twitter* pode proporcionar em ambientes educacionais, enfatizando particularidades do gênero discursivo *tweet*. As autoras citam aspectos da leitura e da produção textual mobilizados no uso dessa ferramenta, como reconhecimento das situações de enunciação nessa rede social, práticas de revisão do que foi escrito, hiperconcisão (por conta do limite de 140 caracteres), responsividade aos *tweets* de outros alunos usuários etc.

Considerando os diferentes usos pedagógicos a que o *Twitter* pode se prestar, apresenta-se na próxima seção a *Twitteraura*, como universo discursivo que pode ser usado em sala de aula de Literatura, potencialmente com o apoio de aparelhos celulares. Assim, pretende-se aliar aspectos de letramento literário (COSSON, 2006) e letramento digital (SELFE, 1999), de acordo com a proposta de múltiplos letramentos advogada por Rojo (2009) e constante em documentos oficiais da educação brasileira, como as *Orientações Curriculares Nacionais* (BRASIL, 2006).

2 Twitteratura: literatura em 140 caracteres

Ficção e poesia diminutas não são exclusividade do *Twitter*. O haikai, o aforismo, o provérbio, o trocadilho remontam a tempos distantes, mesmo imemoriais para alguns desses gêneros. O alongamento da prosa e do verso são produtos, na história da humanidade, do desenvolvimento de tecnologias que permitiram a fixação e a reprodução de textos longos com maior eficiência, como a escrita e a imprensa.

Paradoxalmente, é também a reboque de novas tecnologias que um ramo da literatura se encurta novamente, influenciado pela aceleração e pela efemeridade que caracterizam a contemporaneidade. Diante do turbilhão de informações a que estamos atualmente expostos, graças à ação dos meios de comunicação em massa e das tecnologias da informação, parte da experiência fenomenológica propiciada hoje pela arte consiste em uma estética do fragmento, da brevidade e da superabundância de estímulos.

Entre outros subprodutos dessa estética da pequenez, várias coletâneas de microcontos⁵ foram publicadas no mundo na década de 1990, sendo emblemático, por sua concisão, o texto narrativo do autor guatemalteco Augusto Monterroso (1990), com 37 letras: “*Cuando despertó, el dinosaurio todavía estaba allí*”. Conforme se percebe nesse exemplar de microconto, tal gênero literário tem por característica a interpenetração entre narrativa e lírica, condensando em uma frágil imagem a unicidade do instante (PAZ, 2003).

A essa mistura de gêneros, some-se uma segunda hibridização, cara ao *Twitter*: a interpenetração de gêneros da cultura impressa e do gênero *tweet*, considerando seu conteúdo, estilo e construção composicional (BAKHTIN, 2003), determinados pelas práticas sociodiscursivas que se estabelecem nessa rede social. No caso dos textos literários, e mais especificamente dos microcontos, sua hibridização com o *tweet* gera um subgênero que constitui a base da *twitteratura*, o qual pode ser incluído no currículo escolar como propiciador do letramento literário e digital. Note-se, nesse sentido, que “[...] o Twitter não propicia o surgimento de apenas uma nova e condensada forma

⁵ Diferentes autores chamam aos diminutos textos de microliteratura, miniliteratura ou nanoliteratura, ora de forma indistinta ora postulando arbitrários (e frágeis) limites de extensão para cada uma dessas categorias. Neste trabalho, empregamos tais termos como sinônimos.

breve de escrita, mas também de novos públicos que a devoram. Um novo grupo de micro fãs da microliteratura: a *twitteratura*”.⁶ (RUDIN, 2011, n.p., tradução nossa).

É difícil precisar o surgimento da *twitteratura* como esfera literária, mas pode-se tomar como balizas o já mencionado lançamento do *Twitter* em 2006 e a criação dos primeiros romances nessa rede social, com destaque para textos como *Small Places* (2008), escrito por Nick Belardes, e *Executive Severance* (2008), de Robert K. Blechman. Do mesmo modo, não há definição exata de quando o neologismo “*twitteratura*” foi usado pela primeira vez, mas certamente sua popularização se deu quando da publicação impressa de *Twitterature*, por Alexander Aciman e Emmett Rensin. Nessa obra, lançada pela Penguin Books em 2009 e comentada à exaustão por suplementos literários de jornais britânicos e norte-americanos, os dois autores reuniram *tweets* de sua autoria, nos quais haviam redigido, em 140 caracteres, paródias de clássicos da literatura ocidental.

Autores brasileiros reconhecidos pela crítica por sua produção divulgada em outros suportes, como o livro impresso, tais quais Fabrício Carpinejar e Marcus Vinícius de Freitas, também têm produções esteticamente significativas no âmbito da *twitteratura*, divulgadas a partir de seus perfis na rede (@CARPINEJAR e @marcusvfreitas, respectivamente). Cite-se, a título de exemplo, a postagem aforística de Carpinejar em dezembro de 2014: “O ponto final de uma relação, quando acrescido de outros finais, vira reticências”, ou o microtexto ficcional de Marcus Vinícius de Freitas, postado em março de 2012 e composto segundo uma forma fixa por ele criada – o pentâmetro oitavo⁷: “vi ontem passar/u'a moça morena/maldade serena/cabelo a voar: mas tinha um canudo/em pleno nariz/pensei bem e fiz/meu ar botocudo”.

Vê-se que, na esfera da *Twitteratura*, a concisão do microconto ou do micropoema ganha limites mais precisos, que obrigam o autor a torneios formais. Os 140 caracteres que a rede social faculta (contabilizando espaços e sinais de pontuação), determinam o escopo da poética que pode ser ali ensinada. No entanto, os efeitos estéticos podem ser ampliados utilizando-se outros elementos da microssintaxe do *Twitter*, como a arroba - @ (originalmente usada para mencionar outro usuário na

⁶ No original: “[...] Twitter give rise to not just a new, condensed short-form of writing, but to whole new audiences that gobble it up. A new micro-fandom for micro-lit: *twitterature*”.

⁷ Forma fixa criada especialmente para o *Twitter*, que respeita o limite de caracteres imposto pela ferramenta, utiliza a barra como sinal de pontuação e quebra do verso e se constitui de oito redondilhas menores, com variados esquemas de rimas. Em reflexão metapoética, o autor assim explica sua criação: “pra pô no twitter/limite da norma/invento uma forma/em sour e bitter: pentâmetro oitavo/de barra-intervalo/força de cent'e/quarenta cavalos”.

postagem), a *hashtag* - # (inicialmente idealizada para marcar a postagem com uma etiqueta que facilitasse sua busca por assunto) e o *retweet* - RT (que desencadeia a replicação de uma mensagem).

Diz-se “originalmente” e “inicialmente”, no período anterior, porque, ultrapassando os efeitos técnicos que os comandos acima listados desencadeiam, logo os usuários passaram a explorar seus efeitos expressivos, tanto na comunicação cotidiana quanto na produção literária nessa ferramenta. A *hashtag*, por exemplo, foi reapropriada no discurso digital por usuários a fim de demonstrar, com brevidade, seu estado de espírito, mesmo em ferramentas como a rede social *Facebook*, que não reconhece o símbolo # como indexador de buscas.

Tais elementos da microssintaxe do *Twitter*, junto com as URLs (links para outros sites) que podem ser deixadas nos *tweets*, amplificam no âmbito da *twitteratura* os efeitos de polifonia, multimodalidade, multilinearidade e fragmentação, típicos da literatura pós-moderna, como no *tweet* de janeiro de 2014 de @CARPINEJAR, que lança uma imagem poética, à guisa de epígrafe, para um texto maior, publicado em um site jornalístico: “Pousar é romântico. Pousar é renunciar o céu por um lugar definitivo. Texto na revista @istoegente: <http://migre.me/oilOj>”; ou como no *tweet* de setembro de 2013 de Marcus Vinícius de Freitas, que cita outro usuário da rede em duelo poético diante dos limitados 140 caracteres: “Abri de repente/a caixa de versos/e me vi imerso/na contracorrente: achei alguns búzios/na carta enviada/e volto a cartada/pro @favabeluzio”. Explicitam-se, assim, relações interdiscursivas e hipertextuais por meio de recursos técnico-linguísticos do *Twitter*.

No entanto, a despeito da qualidade das iluminações poéticas que alguns desses microcontos/micropoemas podem despertar, outra característica do discurso digital se interpõe no processo de produção, divulgação e recepção desses textos: a fugacidade da informação em ambientes on-line. Na sucessão de postagens que o *Twitter* continuamente apresenta a seu usuário, um texto agora lido logo é perdido. Se não marcado com uma *hashtag*, uma posterior releitura torna-se improvável, dada a dificuldade de garimpar, entre tantos *tweets* e *retweets*, determinada postagem poética. A isso, alia-se uma cultura do presentismo nas redes sociais virtuais, em que

[...] rastrear o passado das interações perde a relevância em um contexto em que o mais importante é estar presente, literalmente fluir junto com o movimento temporal presente do fluxo contínuo de interação. [...]: a conexão é tão contínua a ponto de se perder o

interesse pelo que aconteceu dois minutos atrás. Apenas o movimento do agora interessa. (SANTAELLA; LEMOS, 2010, p. 62).

Essa instantaneidade da informação e seu caráter logo datado, características do conteúdo do gênero *tweet* e da interação entre os usuários da rede, manifesta-se também na construção composicional desse gênero, que tem como uma de suas particularidades estruturais a marcação de há quantas horas ou em que data determinada postagem foi feita, como mostra a Figura 1.

Figura 1: Exemplo de texto da twitteratura



Fonte: Twitter (2014)

Se a temática desse *tweet* nos parece pouco literária, há que se lembrar que o prosaísmo é tendência pujante na poesia da segunda metade do século XX e do século XXI no Brasil. Acrescida a informalidade típica do discurso em redes sociais, compreende-se como a metonímia irônica de Carpinejar, aproximando termos de mesmo campo semântico, mas de valores simbólicos antagônicos (a compra do presente natalino e o competitivo sistema leiloeiro), alcança efeitos típicos da linguagem poética, aqui entendida *lato sensu*. Ademais, a datação do *tweet* desempenha, nesse texto, papel fundamental para entender o processo enunciativo: é bem cedo, na véspera de natal, que o sujeito se expressa acerca da experiência voraz das compras natalinas. Mais que aforismo dando ares de verdade universal à frase, esse texto *twitterário*⁸ se localiza explicitamente no tempo, como fragmento que logo ficará datado quando a rede parar de discutir as festas de fim de ano e passar a outro tópico que se torne viral.

⁸ Adjetivo derivado de *twitteratura* pelo mesmo processo que de “literatura” se forma “literário”.

Cabe ainda lembrar que, se os 140 caracteres parecem restritivos demais para a expressão de uma imagem poética, o *tweet*, como forma fixa, apenas intensifica em termos métricos e populariza na rede o que haikais, sonetos, baladas e rondós sempre fizeram na história da literatura: impõe regras estruturais que exigem do escritor um trabalho consciente dos limites do código e do canal a fim de alcançar efeitos expressivos.

Como reflexão metapoética do rendimento literário das restrições que o *Twitter* impõe, pode-se observar o micropoema de Marcus Vinícius Freitas, postado em março de 2012: “a rima que cruza/iambo anapesto/refaz o meu texto/reforça minha musa: duelo é prazer/a cada jogada/e bola embolada/faz verso viver”.

Nessa imagem, aproximam-se os campos semânticos da poesia (“rima”, “iambo”, “anapesto”, “musa” e “verso”) e da disputa (“cruza”, “duelo”, “jogada” e “bola”). O fazer literário torna-se desafio quando confrontado com uma imposição métrica definida pela ferramenta, e cabe ao poeta traçar uma estratégia de jogo, cruzando a rima, o ritmo iâmbico ou anapéstico, em procedimentos formais que reengenhem seu texto e sua intenção comunicativa, aqui metaforizada pela musa. Ressalte-se que esse *tweet*, como os demais da página de Marcus Vinícius Freitas, é um “oitavo pentâmetro”, sendo fruto do processo que esse micropoema mesmo explica.

Diante das especificidades da *twitteratura*, apresentadas nesta seção, e dos possíveis usos do *Twitter* para fins educacionais, apresentados na seção anterior, discutem-se a seguir possibilidades pedagógicas do trabalho com a *twitteratura* e aparelhos celulares em sala de aula, para fins de letramento literário e digital.

3 Por uma pedagogia da *twitteratura* no celular

A proposta pedagógica que aqui se delineia toma como base o conceito de letramento literário, o qual se insere na perspectiva dos multiletramentos como “[...] o processo de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentidos” (PAULINO; COSSON, 2009, p. 67). Nessa definição, entende-se o letramento literário como construção de saberes da literatura, sobre a literatura e através da literatura, num processo de resignificação que emerge do encontro entre leitor e texto e todos os discursos que atravessam dialogicamente esse encontro.

Segundo postulações de Cosson (2006), o letramento literário não se dissocia da escola, pois é nesse espaço que se aprende não só a decodificar a escrita, mas a se

relacionar socialmente nas práticas culturais da leitura. Por sua vez, tal escolarização da leitura deve, para Cosson (2006), partir do atual. Entenda-se aqui atual não como sinônimo de contemporâneo. Atual é o que pode ser lido pelo leitor hoje e lhe dizer algo significativo; contemporâneo é o que foi produzido na mesma época do processo de recepção. Assim, há textos com mais de mil anos que podem ser atuais, ao passo que certos experimentalismos contemporâneos podem não o ser para alguns leitores de hoje.

Nesse sentido, o trabalho com a *twitteratura* em sala de aula parece-nos uma proposta pertinente, na medida em que, conforme visto anteriormente, as redes sociais (e, mais especificamente aqui, o *Twitter*) são ambientes discursivos em que os jovens em idade escolar se fazem hoje massivamente presentes, lendo e escrevendo. Sendo-lhes significativos, os textos dessas redes também são atuais para esses jovens, na acepção de Cosson (2006), o que permite que os micropoemas e microcontos integrem práticas de letramento literário.

Ademais, entre as inquietações de Cosson (2006) e Soares (1999) está o modo como a escolarização da leitura literária é feita; preocupam a esses autores estratégias didáticas que artificializem sobremaneira a experiência leitora. Segundo essa perspectiva, condenam-se procedimentos que afastem a leitura do contexto social em que ela ocorre ou que artificialmente amputem sua experiência estética. Por exemplo, a apresentação de fragmentos de obras aos alunos, a desproporção entre a exposição de aspectos extraliterários e a leitura em si dos textos literários, ou a transposição indiscriminada do suporte original para o livro didático.

Tais estratégias que não favorecem o letramento literário poderiam ser facilmente substituídas por outras no trabalho com a *twitteratura*, graças a características inerentes ao gênero. Sua brevidade permite que os textos apresentados aos alunos possam ser lidos por inteiro. A abundância de *tweets* em um perfil da rede, se comparada às poucas informações biográficas e contextuais disponíveis sobre o autor, favorece que o foco do trabalho recaia sobre o texto e sua leitura, o que é enfatizado pelo *design* da interface, com destaque para os *tweets* e suas relações intertextuais com outros textos, por meio de URLs, RTs, @s e #s, e não para dados sobre o usuário. Além disso, o fato de os alunos terem, com cada vez mais frequência, aparelhos celulares à mão possibilita que os microcontos e micropoemas do *Twitter* sejam lidos – em sala, em casa, ou em qualquer outro lugar – no suporte em que foram desenvolvidos e no qual circulam no contexto social, e não simplesmente impressos em uma folha avulsa ou no livro didático. Isso garante menor distorção por parte da ação escolarizadora da leitura,

à qual não se pode, porém, escapar por completo (SOARES, 1999), uma vez que o papel do professor como mediador dessa experiência leitora é fundamental.

Ainda no bojo do letramento literário, pode-se pensar o uso de aparelhos celulares e de textos da *twitteratura* em diferentes etapas de uma sequência didática de leitura literária, segundo o modelo de Cosson (2006). Assim, na etapa de *motivação*, o professor poderia eliciar dos alunos que usos fazem de seus telefones para acesso a redes sociais e apresentar o *Twitter* àqueles que desconhecem a ferramenta. Na etapa de *introdução*, o docente poderia convidá-los a acessar perfis de escritores nessa rede, mostrando que, além de notícias, fofocas e *memes*, textos literários são produzidos por alguns usuários, a serem brevemente apresentados ainda nessa etapa. Para buscar mais informações acerca desses poetas, pode-se incentivar os alunos a pesquisar em páginas externas da Internet por meio de seus celulares.

Na etapa de *leitura*, os alunos poderiam utilizar seus aparelhos para navegar no perfil desses *cyberpoetas* no *Twitter*, lendo suas postagens, identificando particularidades deste ou daquele autor e recorrências de estilo, conteúdo e forma composicional entre *tweets* literários de diferentes autores. Já na etapa de *interpretação*, os alunos poderiam ser incentivados a manifestarem suas opiniões acerca dos textos lidos, por meio também de postagens no *Twitter*. Além de exercício de “microcrítica literária”, essa estratégia pode conduzir a debates que se estendam para além dos muros da sala de aula, mobilizando inclusive outros usuários da rede na discussão desses textos.

Esse envolvimento de outros sujeitos e outros discursos no ato da leitura literária, ainda que em postagens de 140 caracteres, faz da leitura ato solidário, e não solitário. Por meio de uma ferramenta que os jovens usam diariamente, em discussões que podem envolver outras pessoas (do seu convívio ou não) de dentro ou fora da escola, criam-se uma comunidade de aprendizagem e uma comunidade leitora expandidas, reduzindo o caráter escolarizado dessa sequência didática.

Também como habilidade desenvolvida por atividades como essas, destaca-se o letramento digital, que pode ser definido como “[...] uma complexa série de valores, práticas e habilidades situados social e culturalmente envolvidos em operar linguisticamente dentro de um contexto de ambientes eletrônicos, que incluem leitura, escrita e comunicação” (SELFE, 1999, p. 11). Trata-se, pois, não apenas de um aprendizado da ordem do manejo de aparelhos eletrônicos, mas também de seu emprego na vida social e seus atravessamentos de linguagem.

A aproximação entre aspectos linguísticos e artefatuais na definição acima vai ao encontro da proposta de aliar letramento literário e letramento digital deste artigo, e também com os objetivos do ensino da Língua Portuguesa e da Literatura, segundo *as Orientações Curriculares Nacionais*, entre os quais destacamos:

[...] conviver, de forma não só crítica mas também lúdica, com situações de produção e leitura de textos, atualizados em diferentes suportes e sistemas de linguagem – escrito, oral, imagético, digital, etc. –, de modo que conheça – use e compreenda – a multiplicidade de linguagens que ambientam as práticas de letramento multissemiótico em emergência em nossa sociedade, geradas nas (e pelas) diferentes esferas das atividades sociais – literária, científica, publicitária, religiosa, jurídica, burocrática, cultural, política, econômica, midiática, esportiva, etc. (BRASIL, 2006, p.32).

Considerando esses objetivos das práticas de letramentos na educação básica, destaque-se também a importância, ante o uso cada vez mais frequente e demorado de *smartphones* por jovens, de que estes aprendam a transitar de forma mais fluida entre atividades de interesse pessoal e acadêmico nesses dispositivos. Se a vida pessoal, a acadêmica e a profissional estão cada vez mais misturadas – ocupando os mesmos espaços e os mesmos tempos –, torna-se vital uma proposta pedagógica que instrumentalize os jovens para esse trânsito entre diferentes atividades e linguagens em um mesmo aparelho, como o celular, o qual é levado de casa para a escola e para o trabalho.

Uma proposta de letramento digital que se articule com atividades da vida pessoal e da vida acadêmica, como a de leitura da *twitteratura* no celular (entre outras práticas), pode fomentar a conscientização desse trânsito entre esferas, atividades e grupos sociais, que a comunicação mediada pela telefonia móvel exige dos jovens. Usuários mais críticos dessas tecnologias e leitores mais críticos de textos literários produzidos no bojo desses recursos técnicos podem ser formados por práticas pedagógicas que aliem tais modalidades de letramento.

Considerações finais

Ao longo deste artigo, apresentou-se uma proposta pedagógica que integra a *twitteratura* e os aparelhos celulares como objeto de estudo e ferramenta pedagógica às aulas de Língua Portuguesa e Literatura, com vistas ao desenvolvimento de práticas de

letramento literário e digital. O fato de os jovens notoriamente serem usuários massivos de redes sociais como o *Twitter* e de acessá-las com grande frequência por meio de aparelhos celulares – inclusive em sala de aula – justifica a plausibilidade dessa proposta, que visa incorporar ao ensino elementos de uma esfera discursiva já utilizada pelos alunos, mas sobre a qual a escola ainda pouco produz conhecimento explícito.

Nas seções anteriores, mostrou-se como essa proposta se articula com pesquisas na área de educação e das redes sociais, da literatura contemporânea, do letramento literário e do digital. Ademais, expuseram-se particularidades da *twitteratura* e seus gêneros discursivos híbridos, os quais podem ser utilizados em práticas de leitura literária significativa na escola e em atividades que fomentem a formação de uma comunidade leitora on-line, potencialmente suportada por aparelhos celulares.

Se um dos argumentos mais comuns contra o uso de aparelhos eletrônicos móveis ou de redes sociais em sala de aula é a distração que eles podem ensejar, há que se lembrar que também podem distrair um aluno as janelas, os colegas, um ventilador de teto ou o barulho dos sapatos do professor, mas ninguém pensa em retirar qualquer desses elementos da escola. Afinal, parte da função da escola é ensinar o aluno a alternar, em ritmo não nocivo, momentos de atenção e desatenção, concentração e repouso. Desenvolver, então, junto ao jovem, um senso de autonomia perante quando e como usar recursos digitais de comunicação dentro da escola é parte integrante da preparação para a vida, ainda mais porque esse jovem sai da escola e tem, em ambientes de trabalho e de vida social, que exercer esse mesmo uso automonitorado.

Por outro lado, não se pode ignorar que a proposta apresentada neste artigo não pode ser desvinculada da formação docente, que precisa contemplar, de maneira mais significativa, o letramento digital e o alargamento da noção de literatura, de modo a abranger práticas discursivas como a da *twitteratura* e a se descolar do cânone apresentado no livro didático.

Por fim, outra limitação a ser considerada são as deficiências de acesso à rede de dados nas escolas brasileiras, poucas das quais abrem seu *wi-fi* para os alunos, por questões de custo e de preocupação com a distração dos discentes na internet. No entanto, exigir que os alunos e o professor arquem com os custos de acesso à internet em seus próprios celulares na escola, apesar do progressivo barateamento desse serviço e do preço dos aparelhos, pode impor uma condição financeira aos usuários que impeça o trabalho em sala.

Todavia, a despeito desses obstáculos, parece-nos promissora a proposta aqui apresentada, haja vista o potencial rendimento pedagógico dessa aproximação entre letramento literário e letramento digital por meio de ferramentas amplamente usadas pelos alunos. Como trabalhos futuros, pretendemos aplicar a sequência didática desenvolvida nesse artigo para trabalho com a *twitteratura* junto a alunos de escola pública do estado de Mato Grosso, a fim de avaliar, em ciclos de pesquisa ação, como essa proposta pode contribuir para as práticas pedagógicas das aulas de Língua Portuguesa e Literatura. Ainda que haja desafios, parece-nos significativa a possibilidade de um trabalho frutuoso, em que os alunos se envolvam de maneira gratificante.

À guisa de conclusão, remetemo-nos a um *tweet* de Carpinejar, de janeiro de 2015, “Prefiro o arrebatamento ao ensinamento”. Talvez um ensino que mobilize esses recursos tecnológicos em que nossos alunos já estão tão imersos possa, de fato, propiciar-lhes um arrebatamento para a leitura literária.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BIRNHOLTZ, J.; HANCOCK, J.; RETELNY, D. Tweeting for Class: Co-Construction as a Means for Engaging Students in Lectures. *Proceedings of CHI 2013: Changing Perspectives*. Paris, 2003.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Orientações curriculares para o ensino médio: linguagens, códigos e suas tecnologias*. Brasília: SEB, 2006.
- BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. *Pesquisa brasileira de mídia 2015: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira*. Brasília: Secom, 2014.
- CGI.br. *TIC Kids Online Brasil 2013 – Pesquisa sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes no Brasil*. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2014.
- COSSON, R. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006.
- GROSSECK, G.; HOLOTESCU, C. Can we use twitter for educational activities? *Proceedings: 4th International Scientific Conference eLSE "eLearning and Software for Education"*, Bucharest, April 17-18, 2008.

HART, J. *Top 100 Tools for Learning 2014 GUIDEBOOK*. 2015. Disponível em: [http://c4lpt.co.uk/top100tools/guidebook/]. Acesso em 08 fev. 2015.

HONEYCUTT, C.; HERRING, S. Beyond microblogging: Conversation and collaboration via Twitter. *Proceedings from the Forty-Second Hawai'i International Conference on System Sciences*. Los Alamitos, CA: IEEE Press. 2009. Disponível em: [http://ella.slis.indiana.edu/~herring/honeycutt.herring.2009.pdf]. Acesso em 10 fev. 2015.

IDC. *Estudo da IDC Brasil mostra recorde nas vendas de smartphones no terceiro trimestre de 2014*. 2015. Disponível em: [http://br.idclatin.com/releases/news.aspx?id=1777]. Acesso em 06 fev. 2015.

LÉVY, P. *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. Trad. Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Loyola, 2003.

MATO GROSSO. Lei 10.232, de 29 de dezembro de 2014. *Diário Oficial do Estado de Mato Grosso*. MT, 2014.

MONTERROSO, A. *La oveja negra y demás fábulas*. México: Era, 1990.

PAULINO, G.; COSSON, R. Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola. In: ZILBERMAN, R.; RÖSING, T. (orgs.). *Escola e leitura: velha crise; novas alternativas*. São Paulo: Global, 2009.

PAZ, O. *Signos em rotação*. Trad. Sebastião Uchoa Leite. Rio de Janeiro: Perspectiva, 2003.

RANKIN, M. *The Twitter experiment at UT Dallas*. 2009. Disponível em: [http://www.utdallas.edu/~mrankin/usweb/]. Acesso em 10 fev 2015.

ROJO, R. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola, 2009.

RUDIN, M. From Hemingway to Twitterature: The Short and Shorter of It. *The Journal of Electronic Publishing*. Vol 14, n 2, 2011. Disponível em [http://quod.lib.umich.edu/jjep/3336451.0014.213?view=text;rgn=main]. Acesso em 03 mar. 2017.

SANTAELLA, L.; LEMOS, R. *Redes sociais digitais: a cognição conectiva do Twitter*. São Paulo: Paulus, 2010.

SELFE, C. L. *Technology and literacy in the twenty-first century: the importance of paying attention*. Chicago: Southern Illinois University Press, 1999.

SOARES, M. *Letramento: um tema em três gêneros*. São Paulo: Autêntica, 1999.

TWITLIT: The Twitterature Revolution. *Independent*. 2009. Disponível em: [http://www.independent.co.uk/life-style/gadgets-and-tech/features/twitlit-the-twitterature-revolution-1841758.html]. Acesso em 02 abr. 2017.

TWITTER. *About Twitter*. 2015. Disponível em: [<https://about.twitter.com/company>]. Acesso em 06 abr. 2016.

YOUNG, J. *Teaching with Twitter: not for the faint of heart*. 2009. Disponível em: [<http://chronicle.com/article/Teaching-With-Twitter-Not-for/49230/>]. Acesso em 10 fev. 2015.

Data de submissão: 29/11/2016

Data de aprovação: 11/05/2017